



QUANDO OS SUJEITOS ENUNCIAM ESPAÇOS DE AÇÃO: TOMADAS DE POSIÇÃO DE HIP HOP, ECOSOL E ESCOLAS

Leandro R. Pinheiro - UFRGS
FAPERGS

Dos anos 1970 aos 1990, visualizamos mudanças no cenário de ação sociopolítica da sociedade civil, definidas por autores como Touraine (2006) como a emergência dos “novos movimentos sociais”. Desde esta perspectiva, teremos um processo de reconfiguração das pautas de mobilização, explicitando novas temáticas e novas tomadas de posição.

No correr de tais produções sociais, Gohn (1995) afirma que os movimentos sociais no Brasil vivenciaram um processo de diversificação, de modo que, a partir dos anos 1990, conformaram-se, além disso, causas sociais de orientação suprapartidária e supraclassista, cujo horizonte não remontaria necessariamente a um projeto societário total. Neste sentido, interpuseram-se distintos parâmetros teleológicos, imbricados à diversidade de filiações identitárias e práticas socializadoras.

Neste ínterim, a proposta em que trabalhamos situa-se no campo de estudos de ‘movimentos sociais e educação’, orientando-se, mais especificamente, aos espaços de relações que ambientam a construção de tomadas de posição dos sujeitos, problematizando as redes de articulação e pertencimento atualizadas no cotidiano junto a agentes de mobilização sociopolítica e escolas públicas, todos agentes atuantes em bairros de periferia de Porto Alegre/RS.

Para tanto, estamos realizando pesquisa com escolas da rede municipal, contrastando com posicionamentos de dois segmentos distintos na atuação política, a saber: as iniciativas vinculadas à cultura Hip Hop; e os projetos de fomento à economia solidária (Ecosol).

Assim, a partir de consultas por questionário e entrevistas a professores municipais, gestores de projetos de economia solidária e ativistas culturais do Hip Hop concluímos a fase preliminar da investigação, procurando analisar *como os sujeitos de diálogo, desde seus*

espaços de ação, configuram tomadas de posição quando narram as práticas sociais que conduzem.

O texto que segue está organizado de modo a apresentar os referentes teórico-metodológicos da pesquisa e, depois, a análise das informações produzidas nos diálogos até aqui, destacando uma delimitação dos campos de ação de cada grupo consultado e, por fim, o desenho de posicionamentos dos sujeitos.

1. Referentes e método

Para compreender a relação entre posicionamentos dos sujeitos e os contextos que os envolvem e constituem, aportamos aqui contribuições de Bourdieu (1996; 1999; 2000). Para efeito desta análise, apropriaremos especialmente a noção de “tomada de posição”.

Bourdieu (1996) nos fala de certa “relação encantada com um jogo que é o produto de uma relação de cumplicidade entre as estruturas mentais e as estruturas objetivas do espaço social” (1996: 139-140), referindo a ligação entre sujeitos e campo de ação. Nas palavras de Bourdieu (1999):

Não há posição no sistema de produção e circulação de bens simbólicos (e em geral, na estrutura social) que não envolva um tipo determinado de tomadas de posição e que não exclua também todo um repertório das tomadas de posição abstratamente possíveis. (BOURDIEU, 1999, p. 160)

Ao manter noções aportadas pelo autor que lembrem nossos laços com o contexto, temos encontrado inspirações para uma análise desde elementos constituintes dos espaços sociais de ação, a enunciar a interação dos sujeitos com as condições objetivas e de poder que os circundam e/ou constituem.

Assim, a pesquisa tomou corpo desde um levantamento por questionários e entrevistas. Estes instrumentos foram elaborados com base em levantamento de “estado da arte” e também em período de investigação exploratória em campo, quando estivemos em diálogos em bairros de periferia da cidade.

Foram enviadas consultas por email e/ou foram entrevistados diretores escolares da rede municipal de Porto Alegre (55 unidades contatadas), ativistas do Hip Hop e gestores de iniciativas de fomento à economia solidária. Os resultados que analisamos na sequência incluem respostas de 29 escolas, 10 ativistas e 10 gestores. As questões visavam caracterizar cada unidade, para situar suas relações na cidade e nos bairros. Neste sentido, as informações

sobre parcerias estabelecidas em cada caso sinalizavam para alianças sociopolíticas e institucionais; e questões sobre inserções e hábitos dos respondentes estavam orientadas à busca dos acessos culturais, para situar socialmente os sujeitos de diálogo como construtores de seus campos de ação e enunciadorees de tomadas de posição.

Na sequência, passaremos à análise das informações que construímos. Inicialmente, procuraremos esboçar comparativamente os campos de ação a cada segmento consultado.

2. Dos indícios de campos de ação ao desenho de tomadas de posição

Em relação ao campo de relações das escolas, identificamos, de um lado, o predomínio de parcerias entre instituições legitimadas (escolas, museus, teatros, cinemas) e associadas a hábitos ditos “cultos” e, de outro, uma prática relativamente “endógena”, isto é, articulada a atividades pedagógicas convencionais (torneios, eventos comemorativos...), no seio do próprio aparato institucional. Segundo percebemos, a comunidade próxima não se insere aí como produtora cultural, e sim como consumidora ou agente divulgador de uma alternativa de fundo educativo.

Para a economia solidária, percebe-se que as frentes instauradas procuram engendrar redes de ação que garantam a sustentabilidade dos empreendimentos, mas também a consolidação de uma forma alternativa de organização econômica e política. Como parcerias são citados outras organizações não governamentais (laicas ou não), associações de moradores, universidades, sindicatos e movimentos sociais. Para fomento financeiro, o mais recorrente é a menção a órgãos e programas governamentais (sobretudo federais), financiamentos da iniciativa privada, além de apoios internacionais, de universidades e de outras ONGs.

No Hip Hop, as principais frentes de ação elencadas pelos ativistas demonstram que a participação no movimento estruturaria saberes de ordem artística e/ou técnico-musicais. A ênfase estaria na expressão estilística, em práticas educativas e na denúncia de problemáticas sociais vivenciadas, sem garantia, no entanto, de subsistência a partir do ativismo. Neste ínterim, foram citadas como parcerias algumas entidades de fomento à Ecosol, o movimento negro, organizações representativas do movimento Hip Hop, órgãos públicos municipais e federais e partidos políticos. Foram referidos também como espaços de participação as festas que produzem, o Fórum Social Mundial e o Orçamento Participativo.

Interessante, aqui, tomar práticas, ambientes e alianças citados como constituintes de um campo de atuação sociopolítico. As escolas pendem a espaços institucionalizados, com

foco predominantemente pedagógico. Os movimentos sociais atuam desde redes organizacionais de ação política, composta por agentes de espectros ideológicos mais diversos.

Vale mencionar ainda que identificamos articulações entre os sujeitos dos dois movimentos, sendo a Ecosol contratante e apoiadora muitas vezes (em função de uma condição financeira e organizacional aparentemente mais favorável). Ambos transitariam por ambientes de espectro político dito de esquerda, sendo constituintes bastante significativos o movimento negro e as relações comunitárias/de bairro, no Hip Hop, e segmentos da igreja, da intelectualidade acadêmica e do sindicalismo trabalhista na economia solidária.

3. O desenho de tomadas de posição: considerações para diálogo

Tomaremos, aqui, informações relativas a locais de moradia, trajetórias de trabalho, escolarização e narrativa sobre a atuação, visando caracterizar pertencimentos culturais e políticos dos respondentes rumo ao esboço de tomadas de posição, que, de maneira recursiva, constroem os espaços de relações que procuramos apresentar antes.

Considerando a faixa etária predominante para Ecosol e escolas, creio que dialogamos com sujeitos cuja escolarização teria iniciado entre o final dos 1960 e o final da década de 70. Os ativistas de Hip Hop consultados seriam mais jovens e teriam nascido entre meados dos anos 1970 e 1980, começando a escolarização entre anos 1980 e o início dos anos 1990.

A principal distinção quanto à escolaridade seria observado entre os ativistas de Hip Hop, que possuem ensino superior em metade dos casos enquanto a totalidade de professores e gestores Ecosol tem graduação. Além disso, a relação com a escola por parte dos familiares dos respondentes também destoa, sendo o ensino superior uma conquista bem menos presente para familiares dos ativistas. No mais, os agentes de Ecosol apresentam certa caracterização nas suas graduações, tendendo às áreas humanas e sociais, enquanto os professores estariam profissionalmente organizados em formações de licenciatura.

Ademais, podemos ver certa distinção quando comparamos com os bairros citados pelos respondentes do Hip Hop, cujas residências, na maioria dos casos, situam-se em comunidades de reconhecida vulnerabilidade social e de elevados índices de violência.

Se comparamos as relações estabelecidas com suas próprias atuações, os sujeitos distinguem-se. Os professores apresentam o posicionamento de um profissional cuja trajetória se organiza dentro do aparato público educacional, sendo sua formação (graduação e complementos) bastante endógena no campo. Seus depoimentos mencionam certa vocação

para a docência, mas falam também de militância por mudança social, cujo foco estaria na ação educacional-pedagógica, lugar de onde observam o entorno escolar e os jovens (alunos).

Na Ecosol, as trajetórias possuem caráter político-social e a atuação se dá em aparatos corporativos. Há identificação com a busca de transformação social e/ou formação superior nas áreas humanísticas. A ênfase discursiva, neste sentido, acentua a necessidade de transformação ampla das relações de produção e sociabilidade e o foco estaria na dimensão econômica e laboral, embora muitos reconheçam a importância da dimensão educativa.

No caso do Hip Hop, as atividades pregressas remontam a uma atuação educativa-assistencial (em comunidades de periferia) ou à ação política institucional. Quando agindo pelo movimento, praticam certa administração informal de suas iniciativas. Parecem se distinguir da Ecosol e das escolas pela informalidade presente em suas organizações e na conformação de suas redes de contatos.

Assim, a título de encerramento, poderíamos afirmar que os sujeitos atuantes no Hip Hop demonstram se distinguir em relação ao capital cultural que acessam e produzem, aproximando-se das condições de vida dos moradores de bairros de periferia da cidade. De outra parte, agentes de fomento à Ecosol e professores teriam avançado em nível semelhante na carreira escolar e fazem seus cotidianos profissionais em espaços predominantemente institucionalizados. Não obstante, aqueles que militam em movimentos sociais aproximam-se no campo de ação política, onde as escolas parecem não ter presença explícita.

Contudo, embora escolas e iniciativas de mobilização coincidam nas regiões de atuação no município, cada segmento consultado cria um espaço de tomadas de posição relativamente independente, apresentando propostas político-educativas diversas e de intercomunicação rarefeita. E, neste sentido, cabe questionar na continuidade da pesquisa pelo protagonismo das pessoas que vivem na periferia, a construir sentidos desde as várias frentes de ação que lhe são apresentadas.

Referências

- BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- BOURDIEU, P. **Razões práticas** - sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996.
- GOHN, Maria da Glória. **História dos movimentos e lutas sociais**. São Paulo: Edições Loyola, 1995.
- TOURAINÉ, Alan. Na fronteira dos movimentos sociais. **Sociedade e Estado**, v. 21, n.1, jan-

abr/2006, p. 17-28.

Esquema do pôster



UFRGS
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

**QUANDO OS SUJEITOS ENUNCIAM ESPAÇOS DE
AÇÃO: TOMADAS DE POSIÇÃO DE HIP HOP,
ECOSOL E ESCOLAS**

Prof. Dr. Leandro R. Pinheiro - UFRGS



FAPERGS
Fundo de Apoio e Projeto de Base

Introdução ao tema e problema de pesquisa

Como os sujeitos de diálogo, desde seus espaços de ação, configuram tomadas de posição quando narram as práticas sociais que conduzem

Referentes e método

Sobre campos de ação

Parcerias: gráficos



Sobre tomadas de posição

Citações dos sujeitos de diálogo

“Hip Hop é uma cultura que liga pessoas de diferentes classes sociais estabelecendo uma comunicação e uma troca de experiência de vida. Já na periferia, exerce um papel de libertação as angústias e problemáticas

**Escolarização:
gráficos**



Referências